

A influência da trilha musical na construção narrativa dos filmes de Sofia Coppola

Fernando Américo da Silva*

RESUMO: As referências à cultura pop presentes nos roteiros da cineasta Sofia Coppola são elemento fundamental na estrutura de seus filmes. Nesse contexto, a música tem papel importante, aparecendo não somente na forma de trilha sonora, mas também estética e narrativa, tornando-se, assim, parte da construção da linguagem do filme. Este artigo propõe apontar essas referências e identificar de que forma elas afetam a construção do filme – seja ela sonora, narrativa ou visual –, tal qual as interpretações feitas dele por parte do espectador.

PALAVRAS-CHAVE: Cinema contemporâneo; cultura pop; trilha sonora;

ABSTRACT: The references to the pop culture found in the screenplays of the filmmaker Sofia Coppola are a fundamental element in the structure of her films. In this context, the music has an important role, appearing not only as a soundtrack, but also as aesthetic and narrative, becoming part of the construction of the film language. This article aims to point out these references and identify how they affect the construction of the film – whether sound, narrative or visual –, such as the interpretations made of it by the spectator.

KEYWORDS: Contemporary cinema; pop culture; soundtrack;

* Graduando em Comunicação Social – Cinema pela Universidade Anhembi Morumbi

1. Introdução

A cineasta norte-americana Sofia Coppola, filha do também cineasta e produtor Francis Ford Coppola, fez sua estréia na direção de longas-metragens em 1999, após roteirizar e dirigir um curta-metragem¹ e ter realizado pequenos e pouco memoráveis trabalhos como atriz. Seu primeiro filme, *As Virgens Suicidas*, adaptação do livro homônimo de Jeffrey Eugenides, sobre a vida de cinco irmãs que vêm a se suicidar em meados dos anos 70 num subúrbio de Michigan, é um grande discurso sobre a adolescência e o sentimento de isolamento.

Em 2003, após ser muito bem recebida com seu longa de estréia, Coppola escreve e dirige *Encontros e Desencontros*, rodado na cidade de Tóquio, com uma produção longe dos padrões hollywoodianos. Nesse segundo trabalho, a cineasta fala da incomunicabilidade e da solidão na vida de dois americanos – um ator de meia idade e uma jovem recém-casada – que se encontram e iniciam uma relação de amizade que os ajuda a preencher o vazio de seus dias numa Tóquio intraduzível, onde ambos se sentem perdidos.

Maria Antonieta, de 2006, é a cinebiografia não-usual da última rainha da França. Nesse terceiro longa-metragem, Coppola deixa de lado qualquer compromisso de fidelidade histórica para aprofundar seu foco na personagem.

Seu filme mais recente é *Somewhere*, longa com lançamento previsto para o final de 2010, e que por essa razão não será usado como objeto de análise nesse estudo.

Temática recorrente nos trabalhos de Sofia Coppola, o isolamento e a alienação estão sempre presentes na vida de suas personagens. Além disso, outros traços marcantes em seus filmes são o foco nas personagens femininas e as referências à cultura pop.

Essas referências servem não somente como uma marca de estilo, mas também como elemento fundamental na estrutura dos filmes. Estão presentes já no roteiro, e permeiam toda a construção do filme. E dentro dos elementos que Sofia Coppola utiliza, a música é o que tem maior relevância, não somente na trilha musical, mas também quando inserida na estética e na narrativa dos filmes. A seguir, são analisados alguns desses traços, presentes nos filmes apontados anteriormente.

2. Trilhas musicais

¹ *Lick the Star*, lançado em 1998.

O uso de músicas populares nas trilhas sonoras – com principal foco no rock dos anos 80 e contemporâneo – se tornou elemento característico dos filmes de Sofia Coppola. Até quando composta para o filme, a trilha segue essa linha de identidade. Um sinal disso é sua constante parceria com a dupla francesa de música eletrônica AIR, responsável por toda a trilha composta de *As Virgens Suicidas*, e que divide espaço no filme com canções populares dos anos 70. Além desse primeiro trabalho, que rendeu até mesmo um álbum inteiro² dentro da discografia do AIR, há também músicas da dupla nas trilhas de *Encontros e Desencontros* e *Maria Antonieta*. *Encontros e Desencontros* têm também outras faixas compostas pelo músico Kevin Shields, guitarrista e vocalista da banda de rock alternativo My Bloody Valentine, e que também *remixou* canções do Bow Wow Wow para a trilha de *Maria Antonieta*.

Além das faixas compostas por Kevin Shields e pelo AIR, a trilha de *Encontros e Desencontros* também traz músicas dos grupos Death in Vegas, My Bloody Valentine e Phoenix. Há também a presença do The Jesus and Mary Chain, banda escocesa dos anos 80 que voltou ao cenário musical após seu antigo clássico “Just Like Honey” ser revisitado na última cena do filme.

Já *Maria Antonieta* se divide musicalmente entre as composições clássicas de Antonio Vivaldi; releituras da música erudita por grupos eletrônicos como o Aphex Twin; o rock contemporâneo do Strokes e do The Radio Dept.; e inúmeras influências do pós-punk e do rock progressivo dos anos 80, como as bandas New Order, Siouxsie and the Banshees e Gang of Four.

3. Referências musicais na narrativa e no visual

Sofia Coppola não se apropria do universo musical da cultura pop somente nas trilhas sonoras. Também há referências musicais no âmbito narrativo e visual dos filmes.

Em *As Virgens Suicidas*, essas referências são ainda discretas. Temos uma sequência em que os garotos da vizinhança, admiradores secretos das jovens irmãs, trocam telefonemas com elas, e para expressar o que gostariam de dizer um para o outro, colocam o telefone próximo a uma vitrola e tocam trechos de músicas. Em outro momento, aparecem também discos das bandas Kiss e Aerosmith.

² *The Virgin Suicides*, disco de 1999, que inclui todas as faixas compostas para o filme.

Encontros e Desencontros traz uma cena num típico karaokê japonês, onde as personagens interpretam canções de Elvis Costello, Sex Pistols, Roxy Music e The Pretenders. Também se ouve música no bar do hotel em que as personagens estão hospedadas, onde há sempre uma banda de jazz tocando.

Mas é *Maria Antonieta* o filme com a maior relevância no que diz respeito às referências musicais. Visualmente, essas referências podem ser percebidas desde o título de abertura, graficamente inspirado na capa do clássico disco “Never Mind the Bollocks”, da banda inglesa Sex Pistols.

A caracterização das personagens é inspirada no New Romantic, vertente do movimento musical pós-punk do começo dos anos 80, de bandas como Bow Wow Wow e Adam and the Ants, que também aparecem na trilha sonora. A imagem do New Romantic também serve de base para toda a cartela de cores do filme³.

Há um momento no filme em que as personagens vão a um baile de máscaras em Paris, e a própria Sofia Coppola⁴ definiu a concepção visual da sequência como um baile de máscaras em Gotham City⁵. Também é possível ver um tênis All Star em meio aos sapatos que Maria Antonieta veste, clara alusão à cultura pop contemporânea.

É essa mistura de referências e estilos que cria a relação entre o período histórico e sua leitura atual no filme. O mais interessante nessa relação é que o New Romantic é usado para construir visualmente o período do qual ele mesmo é uma releitura, o Romantismo do século XVIII⁶.

4. A música como parte da construção narrativa

A grande quantidade de elementos da cultura pop trazida por Sofia Coppola – todas elas, é certo dizer, a partir de um repertório de referências pessoais da cineasta – não existe apenas para reforçar um caráter autoral em seus filmes⁷. Essas referências afetam diretamente a interpretação do filme por parte do espectador.

³ As cores tanto do figurino quanto da cenografia remetem aos videoclipes das bandas que se encaixam nesse estilo musical.

⁴ Em comentário no making of que acompanha a edição em DVD do filme.

⁵ Referência ao universo neo-gótico das histórias em quadrinhos do personagem Batman, onde a cidade é retratada como uma metrópole sombria e cheia de figuras bizarras.

⁶ Na realidade, o Romantismo surge na História da Arte no período da Revolução Francesa, quando o reinado de Luís XVI e Maria Antonieta chegava ao fim. Mesmo assim, a leitura dessa relação é possível no filme.

⁷ Autoral, aqui, segundo as teorias de André Bazin e dos críticos da Cahiers du Cinéma, e que dificilmente se encaixam completamente à obra de algum cineasta contemporâneo.

4.1 As Virgens Suicidas

Em *As Virgens Suicidas*, onde o número desses elementos é menor se comparado aos filmes seguintes, temos a música como construção do universo adolescente. A sequência da troca de telefonemas, citada no capítulo anterior, apresenta a música como forma de expressão dos sentimentos daqueles jovens.

4.2 Encontros e Desencontros

Já em *Encontros e Desencontros*, a música vai além do universo sentimental das personagens – embora “Just Like Honey” e “Sometimes”⁸ sejam expressões diretas das emoções da cena. Há várias referências à música no roteiro: no bar do hotel, no karaokê, em casas noturnas ou em festas num apartamento, as personagens estão sempre cercadas por música. Uma das personagens é também um fotógrafo de bandas de rock.

E quando a personagem Charlotte, em uma das últimas sequências do filme, diz “Stay here with me. We'll start a jazz band” (“Fique aqui comigo. Vamos formar uma banda de jazz”), é mais um indicativo de como a música influenciou a construção narrativa.

4.3 Maria Antonieta

Mas, assim como na trilha musical e também no uso de referências musicais dentro da narrativa e do visual, *Maria Antonieta* se destaca dos filmes anteriores, sendo o mais cheio de exemplos no que diz respeito à forma como a música constrói e interfere nas interpretações do filme. Sofia Coppola utiliza a relação entre o período histórico no qual o filme se passa e suas referências pop contemporâneas para trazer um foco diferente do de outras cinebiografias históricas. O interesse do filme não está em sua fidelidade histórica – exemplo disso é que a Revolução Francesa e outros eventos da época passam quase que despercebidos, e toda a narrativa é traçada a partir do ponto de vista de Maria Antonieta –, mas sim na construção da personagem, e por isso é tão importante colocar Maria Antonieta num universo próximo ao de uma jovem contemporânea através dessas alusões.

A trilha musical cria essa ponte desde o começo do filme. Nos créditos iniciais de *Maria Antonieta*, frases como “We all have good intentions, but all with strings attached” (“Nós temos boas intenções, mas estamos de mãos atadas”) e “The problem of leisure, what to do for pleasure” (“O problema do ócio é o que fazer para o prazer”), da música “Natural’s Not

⁸

Músicas do The Jesus and Mary Chain e do My Bloody Valentine, respectivamente.

in It”, do Gang of Four, não poderiam apresentar melhor a abordagem do filme em relação ao universo da monarquia francesa e seus excessos.

As músicas não servem somente para criar esse estranhamento inicial e identificação posterior por destoar do tempo em que a história é contada; servem também para dialogar diretamente com a narrativa e com o espectador. Outros exemplos dessa função da música no filme merecem ser apontados.

Num primeiro momento do filme, quando Maria Antonieta, recém-chegada da Áustria, sofre com o estranhamento da corte francesa, a trilha musical trabalha com elementos eruditos e clássicos, como a repetição do “Concerto in G”, de Antonio Vivaldi, construindo a monotonia inicial da vida da então Delfina na corte.

Mais adiante entram as referências do New Romantic. “Hong Kong Garden”, do Siouxsie and the Banshees, e “I Want Candy”, “Aphrodisiac” e “Fools Rush In”, do Bow Wow Wow, marcam o período da narrativa onde Maria Antonieta começa a se adaptar ao meio opressor da corte e tirar proveito disso, vivendo como uma estrela pop, rodeada de vaidades e fofocas. “Ceremony”, do New Order, tocada na sequência do aniversário de Maria Antonieta, logo após sua coroação, dialoga com essas questões de opressão e vaidade, em versos como “This is why events unnerve me. They find it all a different story” (“É por isso que eventos me deixam nervoso. Eles sempre encontram uma estória diferente”) e “I’ll break them down, no mercy shown” (“Eu vou colocá-los para baixo sem mostrar misericórdia”).

Em uma terceira parte do filme, segundo a divisão assumida aqui, são apresentadas poucas músicas pop na trilha. Nesse momento ela é composta por muitas músicas diegéticas. O retorno às composições pop contemporâneas acontece quando “What Ever Happened?”, do Strokes, ecoa seus versos “I wanna be forgotten and I don’t wanna be reminded” (“Eu quero ser esquecido e não quero ser lembrado”) enquanto Maria Antonieta, desiludida com um romance passageiro com um conde sueco, corre pelos corredores do palácio para se esconder sozinha em seu quarto.

Para terminar, nos créditos finais, após a última sequência do filme – Luis XVI e Maria Antonieta deixando o Palácio de Versalhes em uma carruagem, presos pelos revolucionários –, ouvimos os versos “In the caves all cats are grey [...] In the death cell a single note rings on and on and on” (Nas cavernas todos os gatos são cinzas [...] Na cela da morte uma única nota toca repetidamente”). A música nesse contexto aponta o destino das personagens e os rumos da História. Além disso, o título da música, “All Cats Are Grey”, pode ser interpretado, em uma análise mais aprofundada, como sendo a tradução de um

espírito de igualdade que surgia na França revolucionária daquele período; por mais que o filme em si não priorize a abordagem política e social dos fatos.

Através dessa estrutura, é possível afirmar que, em *Maria Antonieta*, mais do que simplesmente servirem de referência visual ou narrativa, as músicas colaboram para a construção do filme, trazendo a ele outras significações, que seriam impossíveis sem a presença delas. No caso dos filmes anteriores, isso acontece apenas no âmbito narrativo, onde a música ajuda a construir as personagens e seu universo físico e sentimental.

5. Considerações finais

Sofia Coppola se tornou referência *cult* dentro do cinema norte-americano na última década. Suas trilhas, desde o trabalho com o AIR até as inusitadas referências pós-punk de *Maria Antonieta*, se tornaram marcas de seu trabalho. Sinal disso é que o trailer de seu longa mais recente anuncia que a trilha sonora é composta pela banda Phoenix, transformando a trilha em elemento essencial do filme.

Através do uso de referências vindas principalmente da moda e da música – e também de ambas, quando interligadas –, Sofia Coppola construiu um estilo, hoje muito característico. E suas apropriações do universo pop ajudam não somente a construir o filme narrativamente, mas também acrescentam interpretações possíveis sobre eles. Aqui, o exemplo mais aprofundado foi *Maria Antonieta*, visto seu caráter mais intencional nesse sentido. Mas uma análise focada em cada um dos filmes anteriores – e possivelmente nos filmes seguintes, futuramente – daria conta de apontar como a música e a cultura pop também são importantes para sua construção.

É a prova de que não somente uma trilha composta pode se relacionar integralmente com o filme. E de que, às vezes, influências externas não só dialogam perfeitamente com as intenções do filme, como também se tornam parte de sua estrutura, trazendo a ele novos significados.

6. Referências bibliográficas

AUMONT, Jacques. **Moderno?** Por que o cinema se tornou a mais singular das artes. Campinas: Papirus, 2008.

BAPTISTA, Mauro. MASCARELLO, Fernando (org.). **Cinema Mundial Contemporâneo**. Campinas: Papirus Editora, 2008.

BERCHMANS, Tony. **A Música do Filme**: Tudo o que você gostaria de saber sobre a música de cinema. São Paulo: Escrituras, 2006.

BUSCOMBE, Edward. **Idéias de autoria**. In: RAMOS, Fernão Pessoa (Org.). “Teoria Contemporânea do Cinema – Vol. 1”. São Paulo: SENAC, 2005.

EIKMEIER, Martin. **Trilha Sonora**: A música como elemento de sintaxe do discurso narrativo no cinema. Campinas: Unicamp, 2003. Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Multimeios do instituto de Artes da Unicamp.

MANEVY, Alfredo. **Nouvelle Vague**. In: MASCARELLO, Fernando (Org.). “História do Cinema Mundial”. Campinas: Papirus Editora, 2007.

7. Referências filmicas

COPPOLA, Sofia. **As Virgens Suicidas** (The Virgin Suicides). Estados Unidos: Paramount Classics, 2000. DVD. 97 min.

COPPOLA, Sofia. **Encontros e Desencontros** (Lost in Translation). Estados Unidos/Japão: Focus Features, 2004. DVD. 102 min.

COPPOLA, Sofia. **Maria Antonieta** (Marie Antoinette). Estados Unidos/França/Japão: Focus Features, 2006. DVD. 122 min.